

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor e proprietario—J. D. de Azevedo.

Anno III.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2000 por trimestre, na casa do proprietario, rua do Maclado n. 12. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO II.

O DOMINGO.

S. LEIZ. 13 DE MARÇO DE 1874.

A MULHER.

A natureza, a modela, a força deste jornal o fazem digno dos carinhos e amiaños do sexo amavel; mas, cousa singular, o *Domingo* ainda não levantou, uma só vez, a cortina do santuario que guarda seus pensamentos em relação á mulher, este privilegio que dirige os destinos do homem, da familia, da patria, da humanidade enfim! O que, porém, podem este jornalzinho escrever, adiantar, descobrir, crear, em assumpto tão transcendente e sublimado?!

A mulher é indefinivel!

Muito robustos talentos, a força de lucubraciones penosas e esdrasadas, e depois de terem o cérebro pejalho por cinco dez e vinte annos, tem conseguido dar á luz um pensamento hereditario desde os nossos primeiros paes: —a mulher é um anjo, uma flor em demencia e muitos outros qualificativos que nos precipitam em trevas em vez de nos fornecerem luz. O amante de graçaço diz, por exemplo,

«Mulher pura o fiel, não ha, não houve... em quanto os que saboreio os asucarados gozos de um amor correspondido exclamou:

«O fente pura de perennas ideas!»

Quem tem razão?...

Mas prova esse desconjunção de essencia e forma, affirmadas á mulher, e sa corrente de monosyllabos deseguaes e incoherentes, que a mulher é ineffavel.

Mas, ineffavel porque?...

Eis uma pergunta perigosa, capaz de arrastar um exercito de philosophos a um abysmo psychologico!

Quem he capaz de, através de meus olhos pretos, ouzias ou castanhos, sondar o fundo desse bello tabernaculo, onde se aninha uma alma, ás vezes angelica ás vezes perversa?

Como harmonizar a fraqueza imperando a força varonil do humano que ouza medir suas armas com os encantos de uma donzella?

Como perscrutar as pulsações do coração que, no momento dado, contrae-se, occulta-se, impossibilitando o melhor physiologista de determinar-lhe as funcções regulares de sentimento?

A phrenologia, ou antes a experiencia, nos tem ensinado que uma mulher lymphica é sensivel, extenuosa e boa e que a de complicação plethorica, é impertinente, iracivel e má; ainda mais, que a mulher magra é intelligente, capriçosa e perspicaz e que a gorda é... um frasco de oleo da ligada de bacalhão! Mas agra falta! Tem excepções como todas as regras. Temos conhecido mulheres gordas obesas mesmo, que, além da *razão directa da grandeza*, valem, moralmente falando, com magras. E em taes casos, oh, meu Deus, mal vezes a gorla!

Isto não imputa porém que os poetas vão escolhendo as primeiras. Quando dizem *poeta* não são somente aquelles que conceitão, odas, loas, e idylls e madrigaes; é uma ordem de gente de paladar fino, finissimo!

Tres são as principais prisões por onde, observada a mulher, brotão manançães de delicias que são o encanto e a vida do homem:

A virgem, a esposa e a mãe.

O amor, o affecto e a religião.

A virgem dotada de uma força magnetica, arrebatava-nos do berço e nos conduz ás regiões phantasticas do bello; a esposa acorda-nos desse somno de idealismo para entrarmos na vida real; a mãe, si que missão ha mais excelsa e sublime do que a desse archanjo que nos aponta a estrada do céu!

O' vós mocidade, esforcei-vos por bem comprehender a missão de que a mulher está encarregada na terra!

Preparaie-vos para quando chegar o momento de ella vos encantar, nobilitar, e fortificar.

Romance de um gato branco

(Continuado do n. 10).

Uma beata, que por esse tempo andava a ler o *Ivanicé*, lembrou-se da semelhan-

ça do gato com o rei Ricardo e exclamou.

—D. Engracia, eu acho muito bom dar-lhe o nome de *Desherdado*, por que a Sr.^a sabe que elle é... que elle é... assim como que desprazado da familia e enjeitado.

—Eu por mim chamava-o Beija-flôr.

—E eu—*Mercutio*.

—No *Tesouro de vicinios*, um livro que minha afeiçada Augusta, filha de minha comadre Theodorica estuda na escola, tem um gato chamado *Mindo*, e eu acho muito proprio, porque, pelo que me diz a pequena, é nome que vem de miado.

—Deixemo-nos disso; o nome mais bonito que ia vi n'um gato, disse uma velha foi *Pixinhaugato*...

—Ora qual! que nome emalhado, interrompeo a viuva de um sacristão; nome de gato deve ser cousa que até elles entendão, como nhá Ursula, nhô Romão.

E a discussão animou-se á ponto de se tornar em combate rentado de opiniões. Usava-se nomes e nomes sem que nenhum fosse accerto e a final de contas era tudo uma algazarra que ninguém se entendia. A'quillo cusco uma comadre pacata e amaga da ordem, ponde conseguir fazer silencio e gritou.

—Ora esta! Estamos aqui que nem as peixeiras na praia. O que eu acho melhor é que D. Engracia escolha um nome do gosto d'ella para o seu gatinho.

Muito bem, muito bem! exclamarão mais duas ou tres beatas que não tomãrão parte na discussão.

—Eu... disse a Sr.^a Engracia do Sacramento, eu queria que elle se chamasse *Botão de ouro*.

—Pois seja *Botão de ouro*, Sur.^a, seja *Botão de ouro*, tornou a lembrança.

E ficou sendo *Botão de ouro* o querido gatinho que á tanta gente incomodava por causa de um nome.

A Sr.^a Engracia do Sacramento não quiz que lhe sabissem de casa as comadres e vizinhas sem tomarem uma chavena de chá.

Portanto passarão todas á varanda onde as esperava uma mesa guarnecida de tor-

raldas e pão-de-ló fmo, biscoitos de araruta e bolachas de soda.

A Sr.^a Engracia do Sacramento presidiu o chá a cabeceira com *Botão de ouro* no collo.

IV

O coração humano é um jardim e o affecto uma planta que cresce e se enraiza profundamente quanto mais e enfiado pela presença do objecto d'elle.

De dia para dia, pois, crescia o amor da beata por *Botão d'ouro*, que se tornou seu companheiro indispensavel.

A pobre mulher dava a vida pelo animal querido e vivia dos seus afagos e caricias.

Quasi que já não sabia.

Entrelinha-se a conversar horas e horas com o gato como se fôrta qualquer das vizinhas.

Até já não se lembrava de analysar a vida alheia, cousa em que era admiravelmente entendido.

Mas *Botão de ouro* é que não se contentava com o amor da Sr.^a Engracia do Sacramento. Na flor da mocidade, possuidor de um thesouro de pensamentos ideaes, repleto de imagens vaporosas, elle sonhava continuamente nos amores de telhado com a gatinha *Mimosa* pertencente a uma casa paredes mais altas e sua.

Todas as tardes quando a Sr.^a Engracia do Sacramento sentava-se na varanda a fazer renda, o amporado gato deitado no parapeito, via passar pelo muro do fundo o encanto de seus olhos. A gata parava em frente do caminho para olhar o elegante *Botão de ouro*, que a contemplava e olhado como um amante estúpido.

Este sentimento augmentou a tal ponto que elle deliberou ver de mais perto a Julieta de quatro patas, custasse o que custasse. E alimentou esta esperanza até que um dia cindiu de a pôr em pratica. Justamente nessa occasião, a Sr.^a Engracia do Sacramento teve de fazer uma visita de cerimonia e saiu sem levar o gato.

Botão de ouro não perdeu a occasião. Logo que viu, sua dona pelas costas, trepou ao muro e passou para o telhado vizinho. Os gatos não necessitam de correspondencia, nem tão pouco de mensagens. Depois de muito apaixonadamente por alguns minutos, veio a *Mimosa*.

Quem tiver passado pelas emoções de uma primeira entrevista de amor, imagine que doces cancias, que terribes transportes se trocaram então.

A voz a um tempo doce e grave de *Botão de ouro* modulava em notas ternamente apaixonadas um cantico de excelsa loyvor ao destino, que lhe proporcionava tão feliz occasião. *Mimosa* afagava-o e affagava-o em caricias e juramentos de amor e fidelidade nesta e na outra vida, se os espiritistas admittem que a eternidade tambem se fez para os gatos.

Os mais seductores projectos se fizeram então, e os dois pelludas amantes passaram algumas horas no *engano d'alma leda e cega*, que ale para elles devia ser de curta duração. Mal que o pensamento!

Depois dos primeiros transportes, passaram aos lindos momentos e começaram a correr para todos os lados como duas loquinhos.

Em uma d'estas corridas, *Botão d'ouro* imprevidente e pouco experiente em negócios de telhados, porque era aquelle o primeiro em que trepava, deixou-se ir muito para a beata, esborregou, faltou-lhe o pé, e cahiu na rua!

Fatalidade!

A casa tinha dois andares, e o desditoso *Botão de ouro*, para quem havia soado a ultima hora, foi esperar-se na beata, ou de um soldado que passava na occasião.

Nem um gemido deô, nem um grito solto! Quando os fitado, espantado pelo brusco choque dado de repente em sua alma, aratou. *Botão de ouro* ensandecendo, cahiu na calçada, xanone e já caído!

Fugiu atônito da desgraça! No momento em que se dava este lamentavel desastre, a Sra. Engracia do Sacramento voltou de sua visita e em passando pelo lugar do sinistro.

Olhar assustada, reconhecer o seu querido protegido, dar um grito e cair desmaiada, foi cousa de um instante.

Alguns melancolicos comadres, que por ali estavam levitando em braços para casa o defuncto gato e a desmalhada beata.

—

E arribou-se assim uma vida cheia de esperanças, no momento em que penetrava no templo do amor.

Com a oração vêr-se morrer assim um gato branco, na flor da idade.

Quem for agora á casa da Sra. Engracia do Sacramento, verá no fundo do jardim, meio coberta por duas enormes roseiras, um tumulzinho pintado de cor de

rosa com este distico, inscripto no centro de uma coroa de perpetuas e amores perfeitos, sustentada por dois papudos anjinhos:

Aqui jaz
o pobre *Botão de ouro*,
victima do amor.
Orae por elle.

Junto a esse tumulo, vêe a beata todas as manhãs, com o seu largo lenço de quadros, derramar algumas lagrimas e rezar suas devotas orações na intenção do desgraçado gato branco.

Orae por elle, leitor amigo!

Como victima do amor, digno de toda a veneração, eu procuro-lhe a immortalidade n'estes quatro capitulos e um fabricante de lanternas magicas já reproduzio este tocante episodio em tres ou quatro magnificas vistas, que fazem o encanto dos espectadores.

FIN.

Augusto Gabriel.

Amor Allemão.

QUINTA LEMBRANÇA

por.....

Tradução do francez de Alexandra Bello.

(Continuação do n.º 9.)

É difficil des-rever os sentimentos que me assaltarão quando deixei a condessa. A alma não se deixa traduzir. Ha pensamentos que as palavras não saberão exprimir, e que todos experimentão nos momentos de grande alegria e de dôr. Meus pensamentos corrião como estrellas que se apogão antes de tocar a terra. No soffido, diz-se muitas vezes: Tu dellistast' assim em me dizer; Tu vistes, ella existe, é uma bella alma! Depois esforcando-me por me a olhar, costumava-a e pensava nas soffres agradaveis que me erão permitidas passar junto della.

Mas não, não, não é isto! Ella era tudo o que eu esperava, tudo o que eu sonhava, todo meu ser, toda minha fé! Eu a tinha encontrado, esta alma humana tão pura e fresca como uma manhã de primavera. Reconheci a ao primeiro olhar, potemi, meu anjo da guarda partira e não me fallava mais. Sentia que não tinha senão um unico lugar na terra para encontrá-la.

Todas as tardes, dirigia-me a cabana sussa. Parecia-me que nunca nos tínhamos apartado. Ella não me tocava n'um ponto sensivel que não resacasse as mesmo instante em meu coração e eu não soletrava um pensamento que ella não tivesse enunciado com um cuidado e clareza admiraveis. Tinha ouvido outrora um grande

muzico improvisar com sua irmã no mesmo piano; não podia imaginar como dous seres humanos se pudessem entender tão bem para dar livre curso á toda sua phantasia, sem interromper com uma nota a harmonia do seu toque. Desde então eu pude avaliar. Sentia que não me havia faltado senão o sol para fazer nascer e morrer em mim todas os germens, todas as flores e todos os fructos! Ah! nós esquecemos do mez de maio em que as rozas apenas se desabrochão e logo murchão. Cada tarde lembravamos-nos que uma folha acabava de cair. Ella o sentia mais vivamente que eu. Não julgava viver tanto tempo, diz-me ella uma tarde no momento em que a deixei; quando dei-te o anel, pensava fazer minhas despedidas a todos que amava; e portanto tenho vivido e tido muitas alegrias. Tendo soffrido tambem, mas esquece-se tão depressa a dôr!

E agora que cêdo vamos separar-nos cada minuto torna-se-me tão claro!

Adeus, meu amigo!

Em todas as suas conversas reconhecia-se a expressão da verdadeira e unica nobreza do nascimento: a nobreza da alma. Ella havia lido muito; sobretudo livros de theologia

Todas as suas palavras erão pensamentos, e ella os espalhava como um menino que desfolha as rozas que acaba de colher.

Quando collocava sua linda mão sobre meu rosto, eu sentia todas as lembranças de minha infancia acordar em mim. Não podia fugir de seus olhos, incommensuraveis como o infinito. Cada tarde ella me dizia: Boa tarde, amigo, até amanhã.

Uma noite, eu vi em sonho um alamo de prata agitado pelo vento mas uma folha não se quebraria em seus galhos.

SEXTA LEMBRANÇA.

Ao amanhecer do dia seguinte baterão-me na porta, vi entrar meu bom velho doutor, o qual chamavão o *Hofrath* (conselheiro da côrte). Era o amigo e o medico do corpo e da alma de todos da cidade. Tinha visto crescer duas gerações: as crianças que vira nascer tinham-se tornado paes, e todos o amavão como a um pae. Nunca se tinha casado, porém, ainda que velho, estava robusto. Parece-me que o estou vendo ainda, com seus penetrantes e grandes olhos azues; cobertos de espessos cilios; seus bellos cabellos brancos abundantes e frizados, seus sapatos com fivelas de prata, suas meias brancas, sua vestimenta escura, sempre a mesma,

parecendo nova, e sua grossa bengalla, que tinha visto tantas vezes ao lado da minha cama quando elle me tomava o pulso.

Muitas vezes estava doente e forçado para deitar-me; porém a fê nesse homem me tinha sempre curado nunca duvidei de minha cura, e quando minha mãe dizia que ia mandar chamar o *Hofrath*, parecia-me que enviava a minha calça ao alfaiate para a concertar. Não tinha senão tomar a receita prescripta pelo doutor e estava curado.

—Como vaes, meu rapaz? disse-me elle entrando, não estás com bom semblante. Não lhe foi preciso applicar-se muito. Veja-mos, não tenho tempo de conversar a largo contigo, mais é preciso que não voltês á ver a condessa Maria. Passei a noite junto della, por teu respeito. Tu me entendes. Se sua vida ti é cara, não deves ir mais ao castello. Logo que isto acontecer ella deixará a cidade para ir ao campo. Seria bom que fissesess uma pequena viagem; assim pois está entendido, e bom dia meu amigo.

(Continúa.)

Vem.

Minha bella vem conmigo
Contemplan do mundo as magoas,
Como o nauta que as agoas
Contempla do oceano;
Depois... verás quanto é duro
Na terra ver o soffrir,
Dês que nasce té morrer,
Do fragil do peito humano!

Vem ver o tempo illusorio
Que se recolhe ao poente,
E como é tri-te o presente
Ao rotejar-se ao pas ado...
Pois tendo ventoras mil,
Outr'ora nossos amores,
Hoje sô murch-s flores
Temos por ser, malfadado!

Outr'ora doces perfumes
Rescendia a nossa infancia...
E hoje, d'essa fragrancia
Jámais nos resta um vestigio;
Olha a tudo, e diz, ó bella,
Se não tem razão, quem sente,
Por ver a quadra florente
Tornada em pranto sentido?!

Acolá... não ves a alfombra,
Que te escentou os segredos,
Quando innocentes brinchedos
Te davam tanto prazer?
E que tu sempre sorrindo,
Essa vida preciosa,
Viste esvaír qual a rosa,
Em perfumes ao nascer?!

Vem! qu'ella hoje t'espera
Para lembrar-te os amores
Do passado de primores
Na teura infancia gerados!
E tu sé firme, inda que
Sintas dos labios cair,
Suspiros qu'ao teu sentir,
Por Deus te sejam inspirados!

Deixa que reguem, saudosos,
Essas faces macaradas,
Qual orvalho qu'inundadas
Na pet'la deixa as fl-res...
Após teu nome, invocando
Possa eu dizer-te, alfim,
Que todo o gozo tem fim,
P-r meio de dissabores!...

Minha bella, vem conmigo
Contemplan do mundo as magoas,
Como o nauta que as agoas
Contempla do oceano...
Depois do que, bem verás
Que d'esta vida os prazeres,
Se tornam duros revezes,
Quando chega o desengano!

A Ingratidão.

A MEU AMIGO J. M. R. NEVO.

A dôr que mais nos deprime,
A que mais paixão imprime
no coração,
Não é aquella do pobre
Que estende a mão ao nobre
E pede o pão

Nem da donzella o gemido
Que solta, se vê perdido
da face o brilho...
Nem da mãe que em pranto
A morte vê, no entanto,
Ceder o filho.

Nem do poeta exilado
Em terra estranha, prestrado
Já sem fé:—
Inda outra dôr é mais forte,
Mas forte que a dôr da morte
Inda é.

A dôr que mais nos deprime,
A que mais paixão imprime
no coração,
E ter-se em paga d'amor,
De tanto affecto s'nhor,
—A ingratição.

L...

CHRONICA.

A precissão do Senho da Columna, Goodison, o triptier artista, Precissão mechanica, Resposta calal, Provas de Associação, Milagres, Promotor publico, Precissão do Martyria, Importantissima viagem.

Sem receio de ser mal visto, não me posso afastar da rotina e, para andar á contento de todos, repetir como de costume:

Com a pompa e esplendor do costume, e licença da chuva, sahio domingo 8 do

corrente à tarde a procissão do Senhor Bom Jesus da Colúmba, á percorrer as ruas do costume, e recolhio-se a respectiva igreja, onde pregou o respectivo sermão o Revm. Sr. beneficiado Castro. Sem querer desfazer nas cousas da religião (vae com vista ao clero esta declaração), não posso contudo deixar de notar a inconveniência, impropriedade, ou o que que seja, de mover-se a Virgem á encontrar o Senhor no camulo de Golgotha. Parece mais proprio de theatrinho de bonecos que de um acto sério da nossa religião o andar a Virgem e o opostolo sobre uma carruca puchada á cordas!

Para desenhar um quadro da Paixão de Christo á vista dos fiéis, torna-se desnecessario o movimento das figuras, que ates ridicularisa do que solemnisa o acto.

Acresce a impropriedade de ser o S. João o mesmo que serve nos Calvarios, quando está Jesus Crucificado e que, para poder clamar ergue a cabeça. No quadro de domingo, estando no mesmo nivel de terreno, levantava a cabeça, sem olhar para o Divino Mestre, á cujo encontro corre.

A nobre immutabilidade do clero e á quem mais se possa achar offendido d'esta opinião, logo que se não loção, porque ella tendo apenas á observar uma inconveniencia; que, na verdade, é... é inconveniente.

—Apresentar-se nuado de compridos cartazes com o retrato em frente e povoados de mil opiniões de diversas gazetas, tem sido o costume de tantos charlatães que por aqui passam, que o publico já não presta attenção á elles, quando apparecem.

D'esta vez, porém, enganou-se o publico.

O Sr. W. Goodison, se si apresentou entre nós, sendo por todos os jornaes do sul, e porque é realmente digno de quantos elogios se lhe possam prodigalisar.

Surprehendo-o ver-se um só homem, conseguir trabalhar com perfeição, e agitar, em tres diversos generos.

Nas sortes de prestiguação que executou o Sr. W. Goodison, domingo passado, mostra-se elle habil conhecedor d'essa arte, tendo a enorme vantagem de não patentear um gabinete cheio de complicadosapparellhos e de não lançar mão de certos meios empregados por outros em distrahir a attenção do publico, como seja: profusão de luzes, extenso palavreado e musica dos intervallos.

Em venturosuras, a sua conversação com o rebelle Joãosinho divertiu, a imita-

ção dos passaros, do leitão e da galinha é perfeita; e sobre tudo a musica organofonica é admiravel.

Como arabata, seus equilibrios do trapessio tocão a temeridade; a subida em um fino arame, do fundo do palco ás varandas, a uma altura assustadora, é um trabalho delicado e arriscado.

O Sr. Goodison, pois, é um artista reconhecível em todos os sentidos e digno de ser apreciado. Portanto é quasi infalivel que sua segunda representação será uma enchente real.

—Tendo pezar em não poder declinar o nome de um profundo conhecedor de mechanica que, no espectáculo do Sr. Goodison, descobriu que não era um venturoso quem fallava por Joãosinho, mas sim o proprio botero que respondia por meio de uma especie de mala (palavras do dito conhecedor.) A quanto chega o engenho humano!

E os francezes que ainda não descobrião este segredo da mechanica dos bonecos, elles que apenas conseguirão que do cochão de uma *belée* parissiena dous seus com pretensão á significar: *Papae! Maudão!*

—Foi, a meu ver, completa a resposta do gerente da companhia Fero-Carris, relativamente á questio dos bonos em circulação, publicada no *Peiz* de terça-feira ultima.

—Os encarregados da *ordem publico*, cada vez se portão mellhor. Um soldado, na Ponta d'Aren, assassinou á tração um culto á quem havia promettido de ensinar *como se dura uma facada*. E ensinou deveras como a coisa se faz. Infelizmente a victima não se pôde aproveitar de tão mil lição.

Outro soldado, procurava desferrujar a bayoneta na fresta da porta de um estabelecimento, mas o diabo, que n'essa occasião elegen, estranhou que a sua porta se convertesse em fixa, e tratou, com os que o acompanhavão de conduzi-lo a seu quartel o *phylantropico* militar.

—Ha em Roma, na praça de S. Ghyss-gono, sobre o portico de um hospicio fundado pela princesa Odesscaletá, uma imagem da Virgem, que tem a maravilhosa faculdade de mover os olhos á vista de uma multidão de *lazaroni*, que a contemplão de bocca aberta. O povo romano, que não entende d'essa especie de mala, de que tractou o incognito mechanico á proposito do Joãosinho do Sr. Goodison, bate nos peites e grita por todos os cantos que *la Madona del Papa ha fatto un miracolo*

Isto foi em Maio de 1871.

Como tudo segue o turbilhão do progresso do seculo, até os milagres se vão aperfeicoando, á ponto que, um *santo missionario* na freguesia de Boturacu, depois de uma eloquente descripção do inferno e das maldades de mundo, conseguiu que uma imagem, tambem da Virgem, maddasse invisivelmente ao altar e surgisse repentinamente n'um lugar onde não a collocarão (senão na vespera), em signal de perdoe aos fiéis ouvintes, que, por intermedio da Santa, escapião de ter a cabeça quebrada com o crucifixo que o *piadoso* frade, nos transportes da peroração, queria atirar-lhes.

Para o conhecimento d'este facto *extraordinario* em todos os seus detalhes, procurem os leitores o *Diario*, de 10 do corrente.

—Entrou no exercicio do cargo de promotor publico para que foi ultimamente nomeado, o talentoso maranhense, Dr. Celso Magalhães, cujas mimiosas produções poeticas já são conhecidas dos leitores do *Domingo*.

Praz aos céos que, como a tantos outros acontece, os afazeres de um cargo publico não desvirtuem o distincto poeta da bellissima carreira litteraria que enctou.

—Pez um triz que a occorrença á procissão dos Martyros o que aconteceu a da Colúmba, isto é, deixar de sair na sexta-feira por causa da chuva.

Mas, felizmente, e graças as boas, por intervenção do Sr. Honorato, o que attendo ás supplicas piores, e dissipou-se á tarde para deixar calar a procissão do Senhor dos Martyros com a pompa, esplendor, pautes, musica, sermões, anjos, calvario e concorrencia—do costume.

Deixem-me sempre observar que o estado da igreja de Sant'Anna é deploravel e carece de reparos.

—Canto a attenção dos scientificos leitores para esta noticia.

Um joven doutor, conhecido por seus delicados improvisos em saltes de baile, trata de organisar uma companhia de sabios á cuja testa vae, para realisarem uma viagem trans aëria, com o fim de examinar certas manchas que ultimamente se tem descoberto na lua.

O resultado d'esta excursão, está ao alcance de todos calculal-o—é proveitoso em todos os sentidos.

Deus queira que se saião bem da arriscada empresa, e que o enorme cometa, que se começa á ver, não os acometta nas regiões celestes. E' o sincero desejo do

Luorencio Galisto.

